

*Célio Teodorico dos
Santos: a profissão de
professor e designer*

Ana Ester Correia Madeira

O professor Célio Teodorico dos Santos, Mestre em Engenharia de Produção (UFSC) e Doutor em Engenharia Mecânica (UFSC), é um dos docentes mais antigos do Centro de Artes (CEART), pois atua neste espaço há 19 anos, sendo que o centro existe há 30 anos. Sua atuação iniciou na montagem do primeiro Laboratório Brasileiro de Design (LBDI) em 1984, projeto do qual participou ativamente até 1996, quando ingressou no corpo docente da UDESC, como professor do primeiro Curso de Design de Santa Catarina. Sua trajetória foi marcada por atuações na sala de aula ministrando diversas disciplinas na área, pesquisando sobre o seu objeto de estudo e atuando na administração do departamento de Design. Este relato é parte do projeto “Dossiê: CEART 30 anos” que tem como tema a história da docência neste espaço. Através da metodologia da história oral, pretende-se dar vida à experiência deste profissional, destacando fatos e reflexões relatados por ele dentro do Centro de Artes.

Palavras-chave: Experiência docente; Conhecimento profissional; Memória.

Introdução

O Professor Dr. Célio Teodorico dos Santos é um dos mais antigos docentes do curso de Design do Centro de Artes (CEART) na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), sendo que dos 30 anos de existência do centro, ele tem atuado há 19 anos nesse espaço. É pernambucano, concluiu seu bacharelado em Design pela Universidade Federal de Campina Grande (PB) em 1983. No ano de 1984, Célio participou de um curso de Metodologia Experimental, quando aceitou o convite do designer alemão chamado Gui Bonsiepe para participar da montagem e compor a equipe do primeiro Laboratório Brasileiro de Design (LBDI)¹, que viria a ser sediado na cidade de Florianópolis (SC). Em 1996, ele passa a integrar como docente o primeiro curso de Graduação em Design na UDESC, efetivando-se em 1999 e permanecendo nessa instituição até o tempo presente. Também compõem o seu currículo cerca de 400 projetos

¹ Projeto em parceria com o Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq), a Financiadora de Estudos e Pesquisa (FINEP), a Universidade Federal do Estado de Santa Catarina (UFSC) e a Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC).

de Design desenvolvidos, bem como mais de 30 premiações na área.

A história oral é um método de pesquisa que prioriza o acesso direto a informações de “fontes testemunhais”, produzindo depoimentos e narrativas através da técnica da entrevista não estruturada (ALBERTI, 2005, BARBOSA, 2008). É através dessa metodologia que a atuação do professor Célio no CEART será registrada neste trabalho, destacando seus projetos e o desenvolvimento da sua profissão que começou a se tornar mais forte nesse espaço. Foi realizada uma entrevista não estruturada (MARCONI; LAKATOS, 2010) no ambiente de trabalho do professor na universidade o Núcleo de Pesquisa em Design de Interações, no dia 22 de outubro de 2014². Nesse momento, ele comentou suas experiências como docente do curso de Design e nas disciplinas externas ao curso, bem como a sua experiência como pesquisador, integrando o corpo de professores e atuando ao lado de colegas de área, profissão e centro. Deu, também, sua perspectiva sobre a caminhada do CEART no que diz respeito ao seu passado, presente e futuro.

Do Desenho ao Design

Durante os primeiros oito anos em Florianópolis, Célio se dedicou ao LBDI onde desenvolveu trabalhos ligados à Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC), ao Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq), à iniciativa privada e às instituições de ensino. Em 1987, Célio teve a oportunidade de ministrar aulas em instituições privadas como, por exemplo, a Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre (PUCRS), viajando todas as sextas-feiras para ministrar aulas na capital do estado vizinho ao que residia. Nesse período também cursou algumas disciplinas no curso de Mestrado em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em 1996, então, surgiu a oportunidade de estreitar laços com a UDESC através de consultorias para a criação do curso de Design.

O Laboratório Brasileiro de Design (LBDI), em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e com a Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC),

² A entrevista foi realizada pelo mestrando Vitor Hugo Rodrigues Manzke, aluno do Programa de Pós-Graduação em Música.

tinha como objetivo, através do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq), “fomentar e promover o Design junto às empresas e às instituições de ensino”, conforme afirmou Célio. De acordo com o professor, era através deste projeto que o design poderia auxiliar as empresas na melhoria da “qualidade de seus produtos e serviços”, de forma a oferecer empregos e tornar o empreendimento conhecido no estado. Célio também participou com a equipe do LBDI na formação de alunos, nos cursos ofertados pelo laboratório com duração em média de quatro semanas para aperfeiçoamento acadêmico e profissional reunindo de 16 a 24 alunos que trabalhavam sobre uma temática específica, apresentando os resultados ao final do curso.

Na área da formação, O LBDI também promovia, com o professor Célio, workshops nacionais e internacionais ao receber, no laboratório, profissionais, professores e estudantes brasileiros e estrangeiros, como cubanos, suecos, holandeses, alemães, franceses e argentinos os quais deixaram suas contribuições. Diante dessa “miscelânea”, o ambiente respirava design o tempo todo, o que deu conteúdo e vida ao laboratório, afirma o docente. O Design foi sendo difundido por Santa Catarina até o momento em que se observou que o estado não tinha nenhum curso da área.

O ano era 1996 e a decisão estava tomada: seria extinto o curso de Desenho no CEART. Este seria, na verdade, transformado no curso de Design, sendo o primeiro em nível de graduação no estado de Santa Catarina. É nessa transição que o professor inicia sua história junto ao CEART, sendo convidado, por notório saber, para fazer parte da equipe de elaboração desse novo curso. Nesse primeiro momento, ele participou como um consultor convidado, assim como Tamiko Yamada a qual não era ligada à UDESC. O professor Célio auxiliou nas mais diversas questões, desde a formação do corpo docente, a estruturação do espaço físico e infraestrutura necessária, até o número de vagas a serem disponibilizadas – vinte alunos por turma.

A estruturação do curso iniciou com a iniciativa da professora Albertina Pereira Medeiros, Viviane Faraco e o então professor Roberto Simon, esta equipe convidou Tamiko Yamada que havia participado da fundação e estruturação do curso de Desenho Industrial de Campina Grande em 1979 e assim foi elaborada a primeira versão do projeto político pedagógico do curso de Design. A preocupação inicial do

professor Célio e dos colegas de curso, era buscar profissionais da área para a formação do corpo docente, juntamente com os professores remanescentes do extinto curso de Desenho. Além de pensar e buscar alternativas para responder à qualidade na infraestrutura do curso. Ele pensou nos equipamentos que seriam comprados e, principalmente, no número de vagas que seriam disponibilizadas para o ingresso de futuros alunos, número esse relativamente reduzido, a fim de alcançar a excelência no trabalho.

Designer e professor: identidade e atuação

O professor afirmou que, entre seus 20 e 30 anos, não se imaginava como docente, pois queria projetar, trabalhar efetivamente como designer. Nessa época ele valorizava o estar na academia, pesquisar, buscar bibliografias e construir uma “árvore” que ele chama de “referências úteis” que pudesse auxiliar na montagem de uma estrutura pautada em conhecimento e muita imaginação.

No entanto, ao chegar a Florianópolis, diante do convite feito por Gui Bonsiepe em reconhecimento pelo seu trabalho na área do Design, Célio atuou por oito anos no LBDI (1984-1992). Nesse intervalo de tempo, fez algumas disciplinas do mestrado em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e percebeu que o seu interesse não estava apenas em projetar, desenvolver e pesquisar, mas também pela sala de aula, da atuação docente em si. Assim, em 1987, a PUCRS o convidou para integrar o corpo de professores de um curso de Especialização em Design do Departamento de Engenharia Mecânica. Uma vez que Célio possuía, na época, apenas a graduação, sua contratação se deu por notório saber e lá ele permaneceu por dois anos, dando aulas na instituição todas as sextas-feiras e sábados.

Nas palavras dele, “foi divertido esse processo”, mas seu corpo começou a reclamar posteriormente em função das viagens semanais, mas isso o motivou no sentido de sentir-se parte de um processo histórico no crescimento de sua área. Ao mesmo tempo, ele tinha interesse em trabalhar em outras questões, em especial, como professor do curso, mas como não teve disciplinas pedagógicas na sua graduação, o aprendizado acontecia no fazer. Portanto, essa caminhada o levou a realizar o mestrado em Engenharia de Produção, na área de Gestão do

Design e do Produto (UFSC) para alcançar mais conhecimentos, haja vista sua atuação docente nas diversas disciplinas que lecionou (gestão do design, desenho de representação, representação tridimensional, prática projetual, metodologia, introdução ao design, entre outras), suprimindo a falta de profissionais e viabilizando o curso. Nos anos seguintes, Célio realizou seu doutorado em Engenharia Mecânica (UFSC), defendido em 2009, trabalhando a linguagem dos objetos em sua pesquisa.

Mesmo mostrando seu interesse pela docência, Célio não se reconhece, apenas como professor, mas também como designer, pois entende que estas são atividades que se completam e que não podem ser pensadas separadamente. Para ele, essas duas identidades andam juntas principalmente durante as aulas, são funções interligadas. De acordo com o professor,

o conhecimento está integrado, quer seja o conhecimento profissional, ou o conhecimento acadêmico, é necessário ligar os pontos e, enfim não é recomendável fazer uma separação, então, você pode desenvolver projetos que tenha uma vocação extremamente pedagógica, projetos com uma potencialidade social, ou projetos aplicados onde você vai desenvolver em cima de uma situação pra resolver um determinado problema.

Célio afirmou que o fato de estar lecionando no CEART atualmente foi influenciado não somente pela docência em si, mas também pelo interesse em buscar experiência para ele como profissional no Design. De acordo com ele, o docente tem um grupo de alunos em sala de aula para o qual leciona uma disciplina com um determinado conteúdo e, muitas vezes, é necessário alterar esse conteúdo ou mudar a abordagem, você tem que sentir a turma, pois outro grupo pode aprender de forma diferente. A abordagem muda e isso é adquirido na atuação, conforme colocou: “quando você começa a perceber isso e que você pode escrever uma frase e falar com conteúdo duas horas sobre aquela frase aí você se acha: Ah! Hoje eu acho que eu sou professor”.

Na perspectiva da atuação docente, Célio já ministrou diversas disciplinas relacionadas ou não à sua área de pesquisa, mas sempre do Design. Ele foi professor em disciplinas como “Inovação e Criatividade”, “Gestão do Design”, no curso de graduação do CEART e em cursos de

pós-graduação também, como é o caso da Especialização em Design do Departamento de Engenharia Mecânica na PUCRS.

Atualmente, Célio ministra as disciplinas “Projeto de Graduação I”, “Projeto de Graduação II”, “Desenho de Representação I”, “Desenho de Representação II”, “Prática Projetual IV” e, às vezes, “Prática Projetual V” quando seus colegas trocam algumas disciplinas com ele. Além disso, também atua como efetivo no Mestrado em Design, ministrando a disciplina “Design e Requisitos de Linguagem”, a qual traz continuidade à sua trajetória dentro da parte subjetiva da área.

A disciplina que o professor mais gosta de ministrar, mas já não o faz, é “Introdução ao Design”, porque trata dos conceitos da área, falando também do designer como indivíduo e profissional, com responsabilidades no tratamento de seus clientes cuidando da sociedade e do meio ambiente. Para ele, essa disciplina é fundamental na formação da identidade do designer, seguida por “Práticas Projetuais” – por seis semestres – e, então, “Projeto de Graduação I e II” – mais dois semestres. Sendo assim, o curso tem uma carga de 65% de disciplinas práticas e 35% de teóricas como os conhecimentos relacionados às disciplinas de Humanas: “Design e Sociedade”, “História do Design”, entre outras que irão contribuir na formação do aluno para aplicar estes saberes nas práticas projetuais.

Em contrapartida, Célio afirma que não ministraria novamente a disciplina “Gestão do Design”. Apesar de reconhecer a importância da mesma, já ter atuado como diretor de design de departamento numa empresa privada, e também como diretor industrial de 246 pessoas, ele afirma não ter mais motivação para gerenciar pessoas, pois não consegue fazer o mesmo consigo próprio. O professor prefere os projetos de pesquisa e disciplinas que auxiliem os alunos na apreensão de conhecimentos, tanto na representação comunicacional, quanto nos processos criativos.

Fatos da docência e da administração

O professor Célio também mencionou alguns fatos que marcaram sua trajetória não apenas na sala de aula, mas também em questões administrativas dentro do CEART. Na sua docência um dos fatos que ele recorda aconteceu no início do curso na UDESC, quando alunos e professores saíram para fazer exposições no Teatro

Ademir Rosa e no Shopping Beira Mar, as quais foram, nas palavras dele, “iniciativas extremamente gratificantes”. O fato curioso foi com ele e o professor Canabarro, do Departamento de Artes Visuais: na época, ele ministrava a disciplina de Modelagem e desenvolvia, com os alunos, modelos tridimensionais em gesso. No entanto, o gesso e a cerâmica não se misturam e por conta disso ocorreu o seguinte fato, narrado pelo professor Célio:

Um belo dia o professor Canabarro ficou com muita raiva porque nós tínhamos utilizado a bancada e feito vários modelos em gesso, e no dia seguinte ele foi utilizar a sala e não podia usar o barro, o material, porque não ia dar liga, enfim, a coisa não ia funcionar. Ele pegou os modelos dos meus alunos e colocou fora, na rua, e eu cheguei no dia seguinte e vi aquilo ali. Evidentemente que a gente discutiu.

Para o professor Célio, foi um fato engraçado, pois ele não conhecia muito a respeito de cerâmica, o que dificultou seu entendimento da realidade do professor Canabarro. Hoje, no entanto, as relações profissionais e de amizade permanecem e, provavelmente, ambos irão fazer uma oficina com os alunos do curso de Artes Visuais e do curso de Design.

Outro fato aconteceu quando Célio foi chefe do departamento de Design. Nessas condições ele lidou com algumas dificuldades administrativas na conquista de materiais para o curso. Depois de quase seis anos, o professor afirma que o espaço do Design começou a ser ampliado com mais salas de aula, salas para projetos de pesquisa, estúdio fotográfico, resultado que para ele é “extremamente positivo”. O que ainda o faz lastimar é a não existência de um prédio específico para o Design, projeto que está em andamento desde o fim da sua gestão como chefe. Espera-se que até 2017 este projeto se concretize e outras conquistas sejam adicionadas a essa construção.

Nesse sentido, Célio vê como positivo na UDESC a existência do conselho de administração em cada centro, sendo regido por resolução específica, deixando “um entendimento mais claro de como as coisas funcionam”. Célio participou do Conselho de Administração (CONSAD) da UDESC, tendo acesso às informações sobre os projetos gerados na instituição e quanto de verba era destinado a eles, percebendo que, ao longo do tempo, a distribuição dos recursos foi melhorando.

CEART ontem, hoje e amanhã

Olhando da perspectiva de um professor que atua no CEART há 19 anos, Célio é categórico ao afirmar que o centro mudou bastante, embora ainda não haja uma integração muito grande entre os cinco cursos que funcionam nesse espaço o que, pra ele, é histórico. Os únicos momentos em que observou tal integração se deram na abertura de vagas nas disciplinas de Design para alunos de outro curso. Em outras circunstâncias essa relação não aconteceu, na perspectiva do docente. Quanto à evolução do CEART, Célio destacou a construção dos prédios para as Artes Visuais (DAV), para a Música (DMU) e a própria Faculdade de Educação (FAED), bem como as áreas de convivência, de lazer na contemplação da natureza. Para ele, o Centro de Artes é um espaço rico em pluralidade, “você congrega muitas tribos aqui”, afirma.

O professor Célio afirmou que a ação de resgatar a memória dos 30 anos do CEART é um projeto que precisa de continuidade para valorizar os professores que fazem e fizeram parte do centro para observar a evolução desse espaço e as pessoas que contribuíram para tal. Em suas palavras, ele se coloca como parte da história: “bom, eu estou aqui, eu faço parte disso”.

Célio observa que as discussões estão cada vez mais amplas e as relações entre os cursos estão acontecendo: ao mesmo tempo em que os cursos querem criar a sua identidade, querem a integração. O professor continua afirmando que “a UDESC deu um salto”, mas os profissionais que ali estão não podem ser cegos de forma a não dar continuidade a esse avanço, pois a melhora precisa ser constante.

Com uma perspectiva de futuro, Célio afirmou entender que o CEART está num “caminho bom”. É preciso alcançar muito mais não só do ponto de vista político e administrativo, mas também humano. Um curso ou uma disciplina, não pode estar fechado em si, mas precisa estar em contínuo processo de melhoria, o qual é construído dia a pós dia.

Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BARBOSA, Roldão Ribeiro. O uso da história oral na pesquisa em educação no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008, Aracaju. *Anais...* Aracaju: UFSE, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo: Atlas, 2010.